

## ESTEREÓTIPOS DE MASCULINIDADES NA MÚSICA ‘HOMEM COM H’ E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO

Aldaberon Vieira do Nascimento

Universidade Grendal do Brasil. aldaberonvn@hotmail.com

### Resumo:

O texto ora intitulado “Estereótipos de masculinidades na música ‘Homem com H’ e seus reflexos na educação” é uma proposta para discutir as formas de masculinidades presentes nas sociedades como uma convenção social e cultural e sua influência na educação. Como objetivo, busca-se analisar a letra da música e sua relação com as convenções socioculturais manifestadas no ambiente escolar. A metodologia utilizada foi a Revisão Bibliográfica de autores renomados, Documentos Oficiais e a análise da música. A partir das leituras observa-se como é típico nas sociedades os adjetivos empregados aos homens dentro de uma norma sociocultural que imprime marcas nos sujeitos. Isso dificulta a comunicação de gênero e sexualidade no ambiente educacional, uma vez que vários tabus circundam o assunto mesmo que de forma oculta. Os versos da música dialogam com as práticas masculinas em vários espaços. As características heteronormativas cultivadas por várias gerações permanecem nos grupos sociais e isso é expresso nas pesquisas desenvolvidas por estudiosos(as) que buscam a inserção do assunto nas propostas pedagógicas das escolas com o objetivo de ampliar ou inserir o debate no ambiente educativo. Assim, observa-se a necessidade de investir na formação dos(as) profissionais para propiciar uma formação pessoal com uma melhor qualidade de vida, sobretudo social. Perante os estereótipos de masculinidades percebe-se quão expressivos são os preconceitos vivenciados por ser socialmente um homem hetero e ter de demonstrar sempre sua virilidade e potencial masculino diante dos grupos sociais, caracterizando-se, assim um “Homem com H”. **Palavras-chave:** gênero e sexualidade, educação, masculinidades, heteronormatividade.

### Introdução

O presente artigo faz uma análise da música *Homem com H*, autoria de Antônio Barros que foi composta na década de 1970 e traz uma reflexão acerca das convenções sociais manifestadas nas masculinidades em todas as classes sociais. A letra da música dialoga com as afirmativas dos(as) teóricos(as) referenciados(as) neste texto quanto a forma como o ‘homem’ manifesta seus anseios desde criança, se prolongando posteriormente, reproduzindo discursos.

A obra *Homens e suas masculinidades* de André Cervinskis e José Carlos Silva, publicada em 2016 faz um diálogo bem característico com a composição de Antônio Barros.

Nota-se, no entanto, um discurso manifesto entre profissionais da educação que expressam a necessidade de falar sobre sexualidade: dividir entre o que é coisa de menino e o que é coisa de menina. A escola do século XXI ainda reproduz tal discurso aguçando, por exemplo, o *Já tô quase namorando. Namorando prá casar*. Um anseio da heteronormatividade onde o homem deve seguir todas as convenções determinadas para o sujeito desse gênero.

Assim, o trabalho se justifica pela observância de discutir a problemática de gênero e sexualidade partindo da análise da música de uma forma dinâmica e crítica com o objetivo de

analisar a letra da música e sua relação com as convenções socioculturais manifestadas no ambiente escolar, de uma forma geral, e mais especificamente, verificar os estereótipos de masculinidades evidentes nas sociedades; compreender os aspectos que interferem na vivência da sexualidade masculina e sua relação com o meio; e identificar os aspectos que dificultam a discussão sobre a temática de gênero e sexualidade na escola.

Para a composição do trabalho recorreu-se a Revisão Bibliográfica e análise da música como metodologia. A partir da letra da canção de Antônio Barros, usada como objeto de estudo e recorrendo ao método dedutivo, no primeiro momento o texto faz um breve relato da relação de gênero e sexualidade com foco no ‘sujeito homem’ numa correlação com a música dialogando de forma crítica com os(as) autores(as) citados(as) ao longo do mesmo.

Na sequência tem-se alguns reflexos das masculinidades na educação. Como o público escolar se comporta dentro do ambiente de educação e como a orientação/educação sexual acontece na comunidade. Em seguida, apresenta-se as conclusões acerca de que gênero e sexualidade pode ser trabalhado na sala de aula de diversas formas e vários recursos. E para um melhor desempenho deve-se ofertar formações continuadas visando um trabalho mais produtivo na educação e na sociedade.

## **Metodologia**

A metodologia, parte da pesquisa que mostra como foi realizado o trabalho, classifica este texto como uma pesquisa de Revisão Bibliográfica expressa no contexto de gênero e sexualidade na educação a partir da música “Homem com H”. Esta caracteriza-se, então como o objeto de estudo deste trabalho.

Para a composição do texto foi feito um levantamento de dados empíricos revisando referências bibliográficas de autores(as) como Louro (2016), Cervinskis e Silva (2016), Pinsky (2010), e Documentos como o novo Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005/2014 e a Lei nº 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.

Utilizando-se da técnica de ‘observação’, o método utilizado foi o dedutivo. Quanto aos objetivos da pesquisa, o texto constitui-se como explicativo fazendo uma interação entre a letra música e as afirmativas apresentadas pelos(as) teóricos(as).

Diante do exposto, percebe-se que a literatura expressa na música brasileira é muito rica e pode contribuir com a ciência para tornar mais acessível o entendimento dos fenômenos

existentes no sistema de ensino, bem como em outras áreas do conhecimento. Daí, a utilização da obra apresentada nesta comunicação como forma de discutir as masculinidades presentes nas sociedades.

## Resultados e Discussão

Tratar da temática Gênero e Sexualidade na educação não é uma tarefa muito fácil, haja vista os tabus que circundam o assunto mesmo que de forma oculta. Porque, segundo Guacira Louro (2013) a escola é um local de ocultamento quando se trata de sexualidade. O assunto chama a atenção das pessoas em todas as fases da vida e em qualquer grupo social. Uma boa formação pessoal, profissional, ética é sinal de uma acolhida promissora para lidar com esse tema em qualquer situação.

A literatura brasileira, de uma forma geral usa muito a sexualidade implícita ou explicitamente em suas produções. Fato é, que muitos artistas, das diversas áreas usam o conhecimento e seus talentos para expressar seus anseios e expectativas sobre a sexualidade humana na dramaturgia, na música, no cinema, na poesia, nas artes plásticas, etc. Alguns(mas) de forma mais sutil e outros(as) não tanto.

Na produção musical, de maneira particular, ver-se muitas composições que esclarecem dúvidas, algumas que despertam/repudiam preconceitos, outras que são usadas como forma de protestos e/ou que são censuradas por suas expressões, as que exprimem bons sentimentos, etc.

Neste texto em especial, faz-se uma análise da letra da música “Homem com H” composta pelo paraibano Antônio Barros no início da década de 1970. Foi gravada pelo próprio compositor e por outros cantores, mas se tornou um ícone da música brasileira na voz do cantor Ney Matogrosso em 1981. A música chama a atenção pela forma como os versos dialogam com a(s) prática(s) masculina(s) estereotipada(s) desde a concepção no ventre materno.

Expressões como: “homem não chora!”; “isso não é coisa de macho!”; “seja homem!”; “homem não veste rosa!” Dentre várias outras compõem um universo masculinizado que é traduzido na música “Homem com H” de Antônio Barros:

Nunca vi rastro de cobra  
Nem couro de lobisomem  
Se correr o bicho pega  
Se ficar o bicho come  
Porque eu sou é home  
Porque eu sou é home  
Menino eu sou é home  
Menino eu sou é home  
E como sou!

Quando eu estava pra nascer  
De vez em quando eu ouvia  
Eu ouvia a mãe dizer:  
"Ai meu Deus como eu queria  
Que essa cabra fosse home  
Cabra macho pra danar"  
Ah! Mamãe aqui estou eu  
Mamãe aqui estou eu  
Sou homem com H  
E como sou!

Nunca vi rastro de cobra  
Nem couro de lobisomem  
Se correr o bicho pega  
Se ficar o bicho come  
Porque eu sou é home  
Porque eu sou é home  
Menino eu sou é home  
Menino eu sou é home  
E como sou!

Cobra! Home!  
Pega! Come!  
Porque eu sou é home  
Porque eu sou é home  
Menina eu sou é home  
Menina eu sou é home

Eu sou homem com H  
E com H sou muito home  
Se você quer duvidar  
Olhe bem pelo meu nome  
Já tô quase namorando  
Namorando prá casar

Ah! Maria diz que eu sou  
Maria diz que eu sou  
Sou homem com H  
E como sou! (1974)

Torna-se um tanto contraditório esta música estourar (expressão usada no meio musical) na voz de um artista assumidamente homossexual numa época de tabus em que acontecia muita repressão em torno da sexualidade das pessoas. Contudo, vale salientar que isso constitui uma convenção social, pois como corrobora Louro (2013, p. 11): “[...] a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções...” e a música em si representa isso: uma linguagem simbólica dos fatos, ações, representações do que se vivia socialmente. Como se vive na sociedade contemporânea.

Utilizando-se da letra da música quando enfatiza na estrofe:

Quando eu estava pra nascer  
De vez em quando eu ouvia  
Eu ouvia a mãe dizer:  
"Ai meu Deus como eu queria  
Que essa cabra fosse home  
Cabra macho pra danar"  
Ah! Mamãe aqui estou eu  
Mamãe aqui estou eu  
Sou homem com H  
E como sou!

Remete-se ao período de gestação quando cria-se toda uma expectativa em torno da criança que vai nascer, com especulações de qual será o sexo para definir-se a cor do enxoval, por exemplo. Uma construção social que trata da diferença sexual, como relata Carla Bassanezi Pinsky (2010) quando conceitua o sexo como

Uma interpretação com fundamento biológico [...] e as inferências fundadas em pressupostos culturais e chega a ser preconceituosa: pessoas relacionam a cor da roupa ao sexo da criança [...] e o sexo a determinadas características de personalidade ou capacidade [...] – uma concepção que se desenvolveu em determinada época histórica – é data, portanto – e que foi se alterando ao longo do tempo, ou seja, tem historicidade (PINSKY, 2010; p. 30).

A história da sexualidade é repleta de convenções, sobretudo sociais, o que são determinantes no processo de desenvolvimento humano. Segundo Louro, “as normas regulatórias do sexo têm [...] caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual (LOURO, 2016; p.45)”. Isso implica dizer que os constructos sociais reproduzidos já durante a gestação continuam com mais ênfase após o nascimento quando se constrói a personalidade do sujeito a partir de costumes, símbolos, tradições, identidades.

As crianças, sem autonomia, são reflexos do que pensam e de como vivem os adultos do seu convívio, sobretudo os pais. Assim, estes (re)produzem seus anseios e influências sobre estas crianças. É comum, então ouvir o pai ou a mãe dizer como desejam que seja o filho ou a filha. Daí, idealizam um ser a partir de suas expectativas de gênero e de sexualidade dentro das convenções de masculinidades e de feminilidades que se tornaram, com o passar do tempo conceitos históricos produzidos a partir de normas, comportamentos que determinam os papéis e as identidades de cada um dentro da sociedade onde habita segundo normas, sobretudo de comportamentos heterossexuais (PINSKY, 2010).

“O homem com H” versado na composição de Antônio Barros retrata “um certo modelo de masculinidade, segundo o qual o homem tem autoridade, sobretudo no lar; é autônomo

e livre frente a outros homens; tem força e coragem e não expressa suas emoções, tampouco chora; é heterossexual e é o provedor do lar (NASCIMENTO, 2011; p. 34).” É um retrato do típico homem heterossexual, brasileiro, e como o compositor, nordestino. São características muito presentes nos versos:

Porque eu sou é home  
Menina eu sou é home  
[...]

Eu sou homem com H  
E com H sou muito home  
Se você quer duvidar  
Olhe bem pelo meu nome  
Já tô quase namorando  
Namorando pra casar

Ah! Maria diz que eu sou  
Maria diz que eu sou  
Sou homem com H  
E como sou!

Os estereótipos de masculinidades são múltiplos e retratam particularmente os comportamentos sociais masculinizados desde os tempos mais remotos. São comportamentos, ações, expressões, ‘emoções’ que culminam com um ser que sofre, também, uma pressão para mostrar cotidianamente a sua qualidade de homem. Homem com H. Forte, viril, hetero, bem resolvido.

Mesmo com as mudanças ocorridas com o passar dos anos, ainda insiste nas sociedades os tabus, preconceitos, comportamentos, estereótipos de masculinidades que pressionam a formação do homem, avaliando (julgando) sua posição de homem social que deve manter-se num padrão de sexualidade heteronormativa.

### **Se você quer duvidar, olhe bem pelo meu nome! Os reflexos das masculinidades na educação**

Os ambientes escolares são espaços majoritariamente femininos. Desde o corpo administrativo ao corpo discente são as mulheres que ditam, de certa forma, a prática pedagógica e o processo de escolarização destes espaços.

Todavia, estes ambientes não negam a influência masculina na sua produção e atuação e os seus reflexos na composição pedagógica da sexualidade das pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar.

Olhando pela ótica do gênero que constitui o discurso deste texto, voltemo-nos, pois as atenções para o objeto de estudo a que se propõe. Mesmo os homens sendo minoria no espaço de escolarização, é notada a forma como estes se sobrepõem num modelo dominante de sexualidade, segundo Jeffrey Weeks (2013). O autor ainda completa: “eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder (WEEKS, 2013; p.42).” E isso atravessa os séculos. São estas ‘tais’ relações de poder que fazem com que a figura masculina se torne muito influenciadora na construção dos espaços educativos. Há uma cultura que permite que isso aconteça.

A figura masculinizada, poetizada na música interpretada por Ney Matogrosso é, pois um reflexo dos predicados que um homem deve ter, segundo a cultura veementemente cultivada nas sociedades. Não se permitem que meninos se emocionem, que usem determinadas cores, que gostem de esportes que não demonstrem masculinidade, que cuidem da casa... Por que o homem deve ser macho! E “ser macho associa-se à virilidade, potência sexual, valentia, honra e responsabilidade (LEÓN, 2011; p.54)”. Esses reflexos são vivenciados na escola. Nas salas de aula, ver-se as expressões, gestos, e vocabulários que reproduzem tal discurso, haja vista os grupos sociais regarem atributos que adjetivam a figura do “Homem com H”. Nas aulas de Educação Física, por exemplo: “A masculinidade é vivenciada em parte através da formação de uma corporeidade que envolve tensões musculares, habilidades físicas, gestos e posturas próprias de um homem”, como acrescenta Adriano León (2011; p.54). Nos componentes curriculares das Ciências Exatas, os meninos são tidos como os que se saem melhor, afinal eles são melhores nos cálculos e às meninas é atribuída a estética da Língua Portuguesa, para exemplificar.

Fato é, que a escola, por ser é um local de ocultamento, como já foi mencionado, peca por ver a sexualidade nos seus espaços com olhos vendados. Os Parâmetros Curriculares Nacionais trouxeram o assunto como Temas Transversais (1997) e a escola não deu a devida atenção. O novo Plano Nacional de Educação (2014-2024) ensaiou e sob pressão, suprimiu do texto a temática de sexualidade. Por sua vez o Livro Didático, também não expõe explicitamente o contexto em seu conteúdo. E dessa forma o assunto vai sendo deixado em segundo plano. Todavia, (re)ações de sexualidade afloradas vão se intensificando no ambiente escolar: o vocabulário usado nas conversas nos corredores e nas salas de aula, as brincadeiras, as expressões pichadas nas portas e paredes dos banheiros, as vestimentas, as repressões do corpo docente e administrativo, tudo demonstra essa sexualidade aflorando-se na escola. “A

sexualidade e os corpos são compreendidos como produções históricas (Louro 2013).” E, atualmente é dentro de uma concepção histórica que a sexualidade humana está sendo compreendida.

Diante de tudo isso, insiste-se que formação para os(as) profissionais é um caminho mais viável, pois parafraseando José Carlos Silva: “Acreditamos que ações educativas devem se voltar para a emancipação das pessoas e que os conhecimentos devem ser construídos a partir da realidade e para a realidade (2016; p.24).” E essa realidade da escola deve ser compreendida para atender-se a sua necessidade. Pois, as convenções sociais que constituem as masculinidades, as identidades de gênero e sexual, “a educação que recebemos das diversas instituições (família, escola, igreja etc) nos levou a um sistema identitário superficial, que não considera as complexidades da sexualidade humana (CERVINSKIS, 2016; p. 49)”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) institui a formação como um fio para melhorar o sistema educacional do país. A escola deve estar preparada, sobretudo para receber as necessidades de seu público e para lidar com ela da melhor forma.

Dentro do ambiente escolar, espaço educacional, percebe-se uma cobrança para que todos(as) demonstrem suas identidades ou que pelo menos reproduzam as convenções socioculturais e políticas que as sociedades lhes atribuem. Por sua vez, os meninos são cobrados para demonstrar suas sexualidades com relação a sua masculinidade independente da sua classe, etnia, posição, religião... Isso mostra que a classe heterossexual também é cobrada e sofre preconceitos de seus pares, pois tem de provar o tempo todo que é macho. O que no geral parece ser um grupo majoritário, também enfrenta provações, assim como os grupos tidos como minorias. Fato é, que todos os grupos sociais sofrem, de qualquer, forma algum tipo de preconceito.

Na sala de aula ver-se os reflexos dessas convenções no comportamento, nas ações, nos diálogos expressos pelos(as) estudantes quando, por exemplo se negam a dividir objetos imprimindo em suas condutas estereótipos que caracterizam tabus, preconceitos. Além de determinarem em seus discursos o que é distintivo de menino e o que é de menina.

Dentro desse contexto, segundo Maristela Moraes, Benedito Medrado, Ricardo Castro e Fábio Nascimento:

Um passo importante, entretanto, é reconhecermos que o ponto inicial de que nem todos os homens são iguais. Nem todas as masculinidades são criadas de forma semelhante e nossas definições de masculinidade não se valoram do mesmo modo em nossa sociedade. Uma definição de homem segue sendo a norma em relação à qual se medem e se avaliam outras formas de ser homem. (2016; p.75)



Para que este reconhecimento aconteça é preciso que se quebrem os vários tabus impressos pelas sociedades nos discursos direcionados aos gêneros como sendo os mais corretos. Daí, a necessidade de persistir nas formações dos(as) profissionais para que a Educação Sexual possa realmente acontecer nos espaços educacionais, propiciando uma formação pessoal com uma melhor qualidade de vida, sobretudo social. Ao que acrescenta Cristiane Souza de Menezes, “nesse sentido, muito pode colaborar o diálogo entre a escola, a comunidade, na qual ela está inserida e as organizações da sociedade civil, que discutem as construções sociais de gênero (MENEZES, 2016; p.67).” Toda comunidade escolar precisa caminhar lado a lado para que uma Educação Sexual, de fato aconteça.

A construção deste texto foi um anseio que culminou com a obra de André Cervinskis e José Carlos Silva, “Homens e suas masculinidades” (2016) e que faz um diálogo bem característico com a composição de Antônio Barros. A música expressa muito da realidade e neste caso, em especial sobre a cultura impressa na forma do homem pensar, ser e construir-se.

A partir das leituras para esta construção, observou-se como é típico nas sociedades os adjetivos empregados aos homens dentro de uma norma sociocultural que imprime marcas nos sujeitos e deixam cicatrizes profundas em seu ser.

O diálogo do “Homem com H” e “Homens e suas masculinidades” está justamente nas ideias apresentadas nas duas obras quando exprimem o comportamento masculino ao tratar de si. Percebe-se as características dessa classe quando são impressos os tabus, presentes ainda na concepção e gestação do novo ser, os velhos discursos que se perpetuam entre as gerações, a educação reproduzida na escola quando, ainda oculta a sexualidade de seus atores e não compreende a necessidade de falar da temática no ambiente escolar.

A pesquisa mostra que há, ainda, uma grande resistência por parte dos homens em assumir suas necessidades e assim, uma grande parcela não cuida, sequer da própria saúde. E na educação, por sua vez, se frustram o conhecimento por ocultar na proposta pedagógica a necessidade de debater sobre a questão de gênero e sexualidade para um maior e melhor desenvolvimento do ser humano. Compreende-se que as convenções socioculturais tem uma forte influência no comportamento masculino e que as mesmas imprimem nesta classe fortes ideologias que não permitem aos mesmos quebrarem as correntes que os impedem de viver harmonicamente suas sexualidades e/ou masculinidades.

## **Conclusões**

Diante do que foi exposto nota-se como a sexualidade humana é presente nos diferentes discursos entre os grupos sociais, porém pouco discutido de forma adequada e nos ambientes educativos. A canção de Antônio Barros é um retrato da historicidade do gênero masculino cultivado contemporaneamente reproduzindo discursos e estereótipos de masculinidades presentes nas sociedades desde os primeiros grupos humanos.

Mesmo com o passar do tempo e com as propostas, ofertas e a legalidade de formação para profissionais da educação, ver-se uma expressiva ausência e falta de segurança de tais profissionais para lidar com a temática de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Isso pode ser caracterizado pela insegurança, por tabus e preconceitos o que torna o ocultamento da discussão nas salas de aula.

Com subsídios como a música pode-se abordar vários assuntos pertinentes a sociedade. E, de forma particular a música “Homem com H” ajuda a refletir as formas de masculinidades impressas nas sociedades que constroem e reproduzem estereótipos que caracterizam os seres sociais e as formas como vivem e são vistos socialmente. Esta música induz a refletir como os discursos de gênero e sexualidade são presentes culturalmente nas sociedades e como pode abrir caminhos para uma educação mais reflexiva, dinâmica e contemporânea à época em que estar.

Assim, conclui-se que gênero e sexualidade pode ser trabalhado na sala de aula de diversas formas subsidiando-se de vários recursos para interagir com a temática. E para um fortalecimento e mais segurança deve-se dispor das formações continuadas visando um trabalho mais produtivo na educação e posteriormente na sociedade.

## Referências

BARROS, Antônio. **Homem com H**. 1974. Disponível em:<<https://www.letras.mus.br/antonio-barros/928263/>>. Acessado em 23 mar 2018, 16:29:30.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais: Orientação Sexual (5ª a 8ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9.394/96. Brasília, 1996.

CERVINSKIS, André. Masculinidade e cinema: a experiência da mostra de vídeo e saúde do homem. In CERVINSKIS, André, SILVA, José Carlos, (org.). **Homens e suas masculinidades**. Recife. Tarcísio Pereira Editor, 2016.

LEÓN, Adriano. Tem viado no gramado dos campos de futebol? Uma proposta metodológica para analisar diferentes performances masculinas. In MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima (orgs.). **Olhares – gênero, sexualidade e cultura**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2016.

MENEZES, Cristiane Souza de. Contribuições da educação popular nas discussões sobre masculinidades e fracasso escolar de meninos e homens na escola pública. In CERVINSKIS, André, SILVA, José Carlos, (org.). **Homens e suas masculinidades**. Recife. Tarcísio Pereira Editor, 2016.

MORAES, Maristela. et al. O teatro como ferramenta de discussão e ressignificação. In CERVINSKIS, André, SILVA, José Carlos, (org.). **Homens e suas masculinidades**. Recife. Tarcísio Pereira Editor, 2016.

NASCIMENTO, Pedro Francisco Guedes. Homens querem casa e mulheres querem filhos? Relacionando pesquisas sobre gênero, masculinidades e reprodução. In MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima (orgs.). **Olhares – gênero, sexualidade e cultura**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Gênero**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, José Carlos. Saúde dos homens, educação e participação popular no SUS. In CERVINSKIS, André, SILVA, José Carlos, (org.). **Homens e suas masculinidades**. Recife. Tarcísio Pereira Editor, 2016.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.